

# Uma história da imprensa, enfim

Ana Paula Goulart Ribeiro\*



BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000.** Rio de Janeiro, Mauad X, 2007. 264p.

A maioria das pesquisas realizadas no Brasil no campo da comunicação privilegia aspectos e problemas relacionados à contemporaneidade. A análise histórica da mídia, sobretudo a jornalística, é relegada a um segundo plano. Há poucos trabalhos acadêmicos relevantes sobre história da imprensa e a obra de Nelson Werneck Sodré, escrita há mais de 40 anos, ainda é a principal referência bibliográfica da área.

É verdade que o número de trabalhos com enfoque na dimensão histórica tem crescido nos últimos anos, assim com também tem aumentado a quantidade de fóruns de debate sobre o tema. A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e a Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação (Alaic) criaram Grupos de Trabalhos especialmente destinados a essa área de pesquisa. E, em 2002, foi fundada a Rede Alfredo Carvalho com o objetivo de desenvolver ações destinadas a comemorar, em 2008, os 200 anos de implantação da imprensa no Brasil.

Mas, apesar do crescente interesse pela história dos meios de comunicação, inexistente no âmbito das universidades (e dos programas de pós-graduação) um movimento sistemático de fortaleci-

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação Social; docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

mento e institucionalização desse campo de investigação. Além disso, o crescimento da pesquisa não tem correspondido a um amadurecimento das reflexões. Nos encontros, as discussões teóricas e metodológicas ainda são escassas, e o debate se limita muitas vezes às análises empíricas dos trabalhos apresentados.

Há vários problemas teóricos a serem resolvidos. Os estudos desenvolvidos ainda são, em sua maioria, tributários de uma idéia de história orientada e baseada em feitos e particularidades dos grandes personagens. Adota-se principalmente uma visão que privilegia a ruptura, produzida por fatos considerados marcantes e que se sucedem numa linearidade temporal. O jornalismo e os jornais são aglutinados em torno de singularidades e a história é pensada como inserida e presa no passado.

Alguns textos se dedicam a acompanhar o aparecimento e desaparecimento de periódicos numa perspectiva meramente factual. Outros se concentram nas modificações das estruturas internas dos jornais, sem estabelecer conexão com as transformações históricas e sociais. Há trabalhos que abordam os impressos como portadores de ideologias, sem considerar as suas condições de produção, e há os que abordam os contextos históricos — desconsiderando as dimensões propriamente jornalísticas, como seus aspectos técnicos e profissionais.

O livro de Marialva Barbosa, *História Cultural da Imprensa*, trabalha de uma forma absolutamente diferente a história da imprensa e é um marco nos estudos sobre o tema no Brasil. É o livro, enfim, tão esperado por aqueles que pesquisam na área, assim como por aqueles que se dedicam ao ensino do tema.

*História Cultural da Imprensa* tem muitos méritos. Primeiro, o texto é extremamente bem escrito e agradável de ler. A autora dá sabor a histórias que conta. O segundo capítulo, por exemplo, é delicioso. Marialva Barbosa fala da reportagem de polícia e do jornalismo de sensações que invade a imprensa carioca e conquista um número considerável de leitores na década de 1920. Nele, o leitor é seduzido na teia da sua narrativa e transportado para as redações dos jornais *A Manhã* e *Crítica* — veículos pelos quais acompanha os dramas da cidade em notícias de assassinatos, suicídios, incêndios, adultérios, atropelamentos, e revive a tragédia da família Rodrigues.

Os méritos do livro de Marialva Barbosa, no entanto, não estão apenas no estilo envolvente de sua escrita, mas também – e, sobretudo, – nas contribuições que a autora dá à construção de uma teoria da história da imprensa, assim como de uma metodologia de pesquisa dos meios de comunicação. A autora concebe a comunicação como um sistema que se realiza num circuito no qual os produtores das mensagens têm tanta importância quanto aqueles que, de maneira plural, se apropriam dessas mensagens, construindo novas significações. Por isso, cabe ao pesquisador considerar tanto a dimensão da produção quanto da recepção, assim como procurar ver o processo comunicativo em suas relações com extensões sociais mais amplas: a econômica, a política e a cultural.

Sem negar o papel da história-disciplina como produtora de conhecimento verdadeiro, Marialva Barbosa enfatiza a dimensão “ficcional” da sua narrativa, lembrando que todo relato histórico é uma interpretação do passado a partir do presente. Ou seja, a história é sempre uma reconstrução que o pesquisador faz a partir dos vestígios do passado que, de alguma forma, chegam até ele.

E é justamente no resgate desses vestígios memoráveis que a pesquisa histórica se realiza. A autora faz um trabalho de detetive e monta um verdadeiro quebra-cabeça a partir de “restos” significantes, presentes em diferentes relatos: nos próprios textos jornalísticos, nas memórias dos profissionais de imprensa, nos romances, nas crônicas literárias, na música popular, no cinema.

Apesar de trabalhar a partir de um recorte temporal (o século XX) e espacial específico (a cidade do Rio de Janeiro), as análises extrapolam essas dimensões e nos fornecem um amplo quadro de reflexões sobre a história da imprensa brasileira. Seguindo uma ordem cronológica, o livro é dividido em nove capítulos. O primeiro analisa as transformações da imprensa no início do século passado, quando os jornais adquirem um perfil de empresa. O segundo é dedicado – como já dissemos – ao jornalismo de sensações dos anos 1920, enquanto o terceiro, à construção do império Associado de Assis Chateaubriand, assim como à fundação mítica de jornais como *A Noite* e *O Globo*. No mesmo movimento, o texto mostra como os jornalistas vão construindo, por meio das lembranças, sua imagem como grupo e sua identidade profissional.

O quarto capítulo do livro fala sobre a imprensa durante o governo Vargas e analisa as complexas relações de poder que se estabelecem no período do Estado Novo, sobretudo pela atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda. Fechando a primeira parte, o quinto capítulo reconstrói os 50 anos iniciais do século XX por meio de vestígios encontrados na literatura. Clarice Lispector, Lima Barreto, Nelson Rodrigues e Graciliano Ramos são acionados como testemunhas da história.

Em seguida, Marialva Barbosa analisa as reformas por que passaram os jornais cariocas nos anos 1950, buscando visualizar o discurso memorável dos seus agentes, que constroem uma áurea mítica em relação a esse período, sempre apontado como um dos mais importantes da história da profissão. Ao mostrar que a modernização dos diários conferiu ao jornalismo uma considerável força simbólica, a autora promove uma discussão sobre as relações entre imprensa e poder.

No capítulo sete, é retratado o surgimento da televisão e traz para o centro de debate a questão da cultura e do popular. Mostra que, nos anos 1950 e 1960, os periódicos — apesar do discurso da neutralidade e da objetividade — continuavam a exercer um papel claramente político. Exemplo disso é o protagonismo que exerceram em momentos dramáticos da história do país, como o suicídio de Getúlio Vargas e a deposição de João Goulart. Em seguida, a autora analisa a dinâmica de funcionamento da censura durante a ditadura militar.

A nova configuração que o mercado jornalístico sofreu nos anos 1970-80 é o tema do capítulo oito, que aborda a crise do *Correio da Manhã* e o fortalecimento dos jornais *O Globo* e *O Dia*. Por fim, no último capítulo, é apresentado o caleidoscópio de mudanças que caracterizaram a imprensa nas últimas décadas do século. São privilegiados três aspectos para a análise do período: o avanço dos temas econômicos, a eclosão do jornalismo investigativo e as notícias sobre violência urbana.

Concordo plenamente com José Marques de Melo, que situa, no seu prefácio, o livro de Marialva Barbosa no mesmo patamar ocupado pela vanguarda nacional da história da mídia, ao lado de obras como a de Carlos Rizzini e Nelson Werneck Sodré. *História Cultural da Imprensa* é, sem dúvida, leitura obrigatória, indispensável.